

TRIBUNA REPORTAGEM



PEDRO BARATA

Enviado
a INGLATERRA

N um campo de relva artificial onde joga uma dezena de mulheres, há uma que se destaca. Sem muito esforço e parecendo ter um olho na bola e outro nos dois filhos que brincam à volta do terreno, uma das mais jovens sobressai pelo conforto com a bola, a agilidade, a familiaridade com o passe ou a receção. Mas, se na relva a face é relaxada e sorridente, cá fora o rosto conjuga-se com as palavras que a boca pronuncia para pintar um quadro de timidez e quase receio.

Alina nasceu no Paquistão, mas vive em Manchester desde os 13 anos. Há muito que tem “amor” — citando-a — pelo futebol, mas a sua mãe proibia-a de jogar, em linha com o comum no Paquistão, que “olha com preconceito para o desporto praticado por mulheres”, conta-nos com cuidado em cada frase, como se estivesse a fazer denúncias proibidas. Apesar da desaprovação familiar, no último ano Alina voltou a jogar nos arredores de Manchester, às terças, das 15h às 17h.

Foi com as habituais companheiras que, em junho, participou num torneio em Manchester entre equipas de refugiados, requerentes de asilo ou migrantes da área metropolitana da segunda maior cidade do Reino Unido. Com partidas de 10 minutos entre conjuntos de oito elementos, Alina foi eleita a melhor jogadora do torneio.

Alina só voltou aos relvados graças ao Football Freedom Project, que coloca refugiados, requerentes de asilo e migrantes em dificuldades em Manchester a jogar futebol. Com a bola como pretexto, pretende-se “melhorar a saúde física e mental” das pessoas, dando “uma ideia de normalidade e ligando-as à comunidade, oferecendo um local de conforto a quem sofreu perseguição política, religiosa ou catástrofes naturais”, diz Chris Thomas, fundador da Football for Humanity — uma das organizações responsáveis pelo projeto —, que descreve o grupo como “uma grande equipa”.

Espaço de lazer e ponto de apoio

A escassos quilómetros da luxuosa academia do Manchester City, onde Portugal treinou diariamente durante a sua presença no Europeu feminino, a longa Denmark Road leva-nos por uma reta quase sempre ladeada por conjuntos de casas suburbanas que se parecem muito umas às outras, com os seus primeiros andares e jardins normalmente descuidados. De poucos em poucos metros, vislumbra-se um campo de futebol, sempre de relva impecavelmente tratada.

É numa dessas aberturas que está o Denmark Road Sports Centre, onde há uma quadra de futsal coberta e três pequenos campos ao ar livre. Antes do começo da sessão, Angie, voluntária, está sentada numa pequena bancada de três filas por detrás de uma baliza. Na mão tem uma folha que vai sendo assinada por quem vem jogar. Só há espaço — na folha e no orçamento — para 40 pessoas por semana, “mas às vezes aparecem 100”, relata.

As três primeiras mulheres que chegam não vão jogar, sentando-se à conversa. Têm os cabelos cobertos e faces que parecem indicar terem entre os 40 e os 50 anos, mas não querem falar com um desconhecido. A natural desconfiança de quem já passou por experiências que para outros nem são matéria de pesadelos é uma marca de muitos aqui — antes da nossa visita já tínhamos sido informados que alguns nomes teriam de ser ficcionados e não poderíamos fotografar, por haver “quem tenha de se manter anónimo”.

Mais gente vai entrando — sobretudo mulheres, sozinhas ou com filhos —, mas a cena parece em pausa, como se esperassem alguém. Quando Rahwa chega, é evidente que era ela que faltava para o rebulício começar. De cara sorridente e fala escorregada, é uma líder comunitária. Conta os presentes, organiza-os, pergunta por ausentes, formam-se filas para falar com ela.



Futebol Em Manchester, o Football Freedom Project é uma iniciativa que coloca refugiados e requerentes de asilo a jogar futebol, dando “redes de apoio” a quem “está desamparado e só”

UMA “GRANDE EQUIPA” FEITA DE LIBERDADE

Em 1998, Rahwa fugiu da Eritreia porque “era perseguida por ser católica”. Foi para o Dubai, mas no começo de 2020 rumou a Manchester. É uma das responsáveis da RAPAR, associação que ajuda refugiados e requerentes de asilo e que se juntou à Football for Humanity para criar este projeto.

“Começámos em 2021. Durante a pandemia havia muito isolamento e era preciso criar um espaço de lazer, onde as pessoas se distraíssem durante duas horas semanais, dando pontos de apoio a quem está desamparado”, relata Rahwa. Muitos participantes “vivem em acomodações sem condi-

**TODAS AS TERÇAS,
DEZENAS DE PESSOAS
VÃO JOGAR E CONVIVER,
TENDO MOMENTOS DE
LAZER E CONSEGUINDO
CRIAR CONEXÕES
NA COMUNIDADE**



Em cima, Alina remata. Em baixo, a paquistanesa, ajoelhada, ergue o troféu de melhor jogadora, ladeada pela filha. De óculos de sol e com uma camisola do City está Rahwa e atrás, de laranja, vê-se Alimany Bangura



ções”, com “problemas de saúde mental, particularmente em jovens”, que têm ali “um espaço para desanuviar”.

Vítimas do “sistema hostil”

A sessão começa com dois jogos nos campos exteriores. Vários participantes limitam-se a ver sentados enquanto conversam, evidenciando o propósito comunitário da iniciativa. Do lado de fora está, também, Alimany Bangura, outro dos organizadores, que se agarra à rede que delimita o recinto para incentivar quem joga.

Alimany tem problemas no andar, coxeando na perna esquerda. Nasceu na Serra Leoa, onde era ativista político. Em 2018 foi “preso em condições desumanas”, escapando para Manchester, conta apressadamente, parecendo que as palavras se atropelam.

Alimany indica-nos quem é quem nos relvados: um homem alto, com duas cicatrizes salientes debaixo dos olhos, é Barley, que fugiu em 2014 por perseguição política no Congo, mas “não quer falar sobre isso”; também do Congo vem Philomene, que de lá saiu após o assassinio do marido por motivos políticos; há um homem do Gana, dois irmãos do Nepal e uma família síria; e um jovem paquistanês cheio de fintas e artimanhas técnicas. “Quando chegou era tímido, mas agora ninguém lhe tira a bola”, descreve Alimany o que a vista testemunha.

Grande responsável pelo projeto é, também, Chris Thomas, que criou

a Football for Humanity em 2013, quando o tufão Yoland atingiu as Filipinas, causando 6352 mortos, 1771 desaparecidos e quase €3 mil milhões em prejuízos. Vendo a destruição, o britânico cruzou o oceano “para ajudar” e, ao longo dos anos, construiu “campos de futebol, sistemas de rega ou bibliotecas”. Através da “vasta rede” que foi criando, Shanden Vergara, jovem filipino, foi recrutado para jogar futebol numa universidade norte-americana. Quanto ao projeto em Manchester, Chris resume-o como “colocando pontes onde há buracos na sociedade que desconectam pessoas”.

Mais afastada dos relvados está Tania, londrina licenciada em Política e Sociologia. Faz parte da No Borders, outra organização que ajuda no projeto. Explica que “o sistema de imigração é hostil” e “baseia-se em evitar que as pessoas se conectem”, levando “requerentes de asilo a estarem sempre a mudar-se pelo país, sem pontos de conexão. Aqui há o oposto: um ambiente estável, criador de redes de apoio”.

O trabalho de Tania é “redirecionar” pessoas para “o que precisam noutros serviços ou com outras entidades”. A jovem indica que “estas pessoas se sentem sós e acham que ninguém as ajudará”, servindo o projeto para “sinalizar problemas” e “ligar quem precisa de apoio a quem pode apoiar” na “habitação, burocracia, aulas de inglês ou oportunidades de trabalho”.

“De que precisam?” “Dinheiro”

As duas horas em que os quase 50 presentes enchem as instalações são ruidosas, fruto dos chutos na bola ou da algazarra das crianças que brincam. Num canto mais silencioso estão cinco pessoas à conversa em tom baixo, mas discutindo o tema mais importante para o grupo. Chris, Alimany e Rahwa estão numa reunião com dois dos maiores financiadores do projeto, a Greater Sport, entidade de Manchester que promove ações sociais através da atividade física, e a associação de futebol de Manchester, que paga os campos. A Sport England, organismo público que cria oportunidades de desporto comunitário, é o outro apoio.

“De que é que precisam?”, pergunta Alex West, da associação de futebol. “De dinheiro”, responde sem hesitar Rahwa. O orçamento inicial era só para 16 sessões com 40 pessoas cada, mas ao aparecer tanta gente foi sendo possível esticar as atividades durante mais de um ano — os participantes que podem contribuem com duas ou três libras para arrendar os campos. Para que as pessoas em dificuldades não gastem dinheiro por participarem, a organização paga-lhes os bilhetes de autocarro para chegarem a esta área suburbana do sul de Manchester. No entanto, uma senhora do Kosovo vai até Rahwa queixar-se de que na semana passada não lhe pagaram o transporte, recebendo como resposta um lamento da “chefe”, que nos olha encolhendo os ombros, expressão fiel dos recursos que começam a faltar.

O responsável da Greater Sport explica que “quem decide sobre o financiamento precisa de um plano a longo prazo, com provas da eficácia da iniciativa”. “Mais provas do que isto?”, questiona Alimany, apontando para um relvado onde abundam sorrisos. Barley, o congolês que ao falar sobre o passado tinha uma capa que o tornava inacessível, é dos mais alegres a jogar.

Depois da nossa visita houve uma reunião “decisiva” que foi um “êxito”: “A associação de futebol de Manchester pagará os campos até final do ano e a Greater Sport oferecerá passes de dia inteiro de autocarro para que os participantes possam ir a outros lados sem custos”, conta Chris Thomas.

O tempo da sessão já se esgotou, mas Alina continua no campo. Faz golos numa baliza deserta enquanto os filhos brincam à apanhada e a mãe, que em tempos a proibia de jogar, assiste, sentada. Chris recolhe para um saco a última bola rematada pela paquistanesa e lança um esclarecimento: “Não disse a razão do nome Football for Freedom. Chama-se assim porque queremos que este seja um espaço de liberdade, onde todos se sintam livres e se expressem sem limitações.”

pambarata@expresso.imprensa.pt

A CONTINUIDADE DO PROJETO ESTAVA EM RISCO POR FALTA DE DINHEIRO, MAS O FINANCIAMENTO FOI RENOVADO ATÉ FINAL DE 2022

PROTAGONISTAS

Chris Thomas

Britânico, nasceu na região de Liverpool. Foi fundador do Football for Humanity, organização que criou em 2013 depois de ver o “desastre horrível” causado pelo tufão Yoland nas Filipinas. Sentiu a “necessidade de ajudar” e foi para o país, começando por construir campos de futebol para dar às comunidades locais espaços de lazer e acabando a ajudar a criar bibliotecas, sistemas de rega ou oportunidades académicas para jovens. Atualmente, além do projeto em Manchester, lidera uma campanha contra a pornografia infantil nas Filipinas.

Rahwa

Conhecida como “a chefe”, lidera a parte logística das sessões e é procurada por muitas pessoas para resolver problemas na comunidade. Natural da Eritreia, teve de fugir do país em 1998 por perseguição religiosa a cristãos, dizendo que era “caçada como uma criminosa”. Foi para o Dubai, mas em 2019 começou a sentir que “as coisas tinham mudado” no Estado do Médio Oriente. Chegou a Manchester, cidade que considera “acolhedora”, no começo de 2020.

Alimany Bangura

É natural da Serra Leoa, onde era um ativista político da luta pelos direitos das pessoas com mobilidade reduzida e da comunidade LGBTQIA+. Depois das eleições em 2018 no país, foi detido, “preso numa cela em condições desumanas durante vários dias e ameaçado de morte”, relata. Conseguiu fugir para Manchester e obter estatuto legal de refugiado em 2020. Com um problema que lhe dificulta a locomoção, muitos tratam-no por “Ibrahim” e é um dos responsáveis pela organização das sessões.

Alina

Paquistanesa, foi viver para Manchester com 13 anos. “Ama” o futebol, mas a mãe proibia-a de jogar quando era nova, pelo que teve de parar durante muito tempo. Retomou a atividade graças ao Football Freedom e foi eleita melhor jogadora num torneio entre equipas de refugiadas, requerentes de asilo e migrantes em dificuldades. A sua mãe passou a “aceitar melhor” que jogasse quando recebeu o prémio, mas Alina lamenta que a família que mantém no Paquistão “não goste” que ela pratique futebol. Tem dois filhos. P.B.

SELEÇÃO

UM FINAL “AMARGO” COM APELOS SUAVES DE OLHOS NO FUTURO



FOTO: NAOMI BAKER/GETTY IMAGES

Portugal sofreu quatro dos cinco golos frente à Suécia em bolas paradas

A seleção foi goleada (5-0) pela Suécia e saiu do Europeu, numa partida que demonstrou o longo caminho que falta percorrer no futebol feminino português

Portugal ia recebendo murros no estômago em Leigh, na forma dos cinco golos da Suécia que acabaram com o caminho nacional no Europeu. As diferenças iam desde a competência nas bolas paradas — pecado maior da seleção no torneio, encaixando assim sete golos em três partidas — até ao apoio sentido nas bancadas ou interesse mediático, mas a evidência maior do mar de diferenças entre nórdicas e lusas talvez estivesse sentada no banco.

Devido a lesão, Sara Caroline Seger, capitã das vice-campeãs olímpicas, não entrou em campo. Aos 37 anos, soma 232 internacionalizações, sendo a jogadora — homem ou mulher — europeia com mais partidas pela sua seleção na história. Às costas tem, sozinha, um traquejo em grandes competições, com o qual Portugal, como seleção, nem sonha: cinco presenças em Europeus face às duas portuguesas e quatro em Mundiais e Jogos Olímpicos, provas nas quais o futebol feminino nacional nunca colocou o pé.

As boas exibições contra a Suíça (empate a 2) e Países Baixos (derrota por 3-2) colocaram a equipa de Francisco Neto a sonhar com um inédito apuramento para os quartos-de-final, mas a pesada derrota sofrida no último encontro deixou a seleção com um “sabor amargo” na despedida, como qualificou Jéssica Silva. Dolores Silva, a capitã, foi o rosto da tristeza no quente final de tarde, confessando-se, entre lágrimas, “triste por terminar a competição desta maneira”.

Matematicamente piores, mas “melhores na coragem e ambição”

Repescada para o Europeu pela exclusão da Rússia, a seleção foi inserida num grupo com duas potências, a Suécia e os Países Baixos. Desde que a presença de Portugal em Inglaterra foi confirmada, o selecionador, Francisco Neto, definiu como objetivo “fazer melhor” do que em 2017, na estreia em grandes competições.

Olhando os números, a prestação portuguesa foi pior, não ganhando nenhum jogo (há cinco anos bateu a Escócia), fazendo menos pontos (um contra três) e sofrendo mais golos (10 face a cinco). Só em golos a produção foi melhor, com quatro festejos nesta edição, face a três na passada.

Apesar do que dita a matemática, a convicção na comitiva da seleção era de progresso. Embora a desilusão evidente nas caras depois da goleada contra a Suécia, treinador e jogadoras alinharam-se na mensagem. Francisco Neto entende que a seleção foi “mais forte na qualidade de jogo”,

sendo “melhor na coragem e ambição para encarar partidas”, acreditando que “quem esteve atento” aos encontros terá “muito orgulho” nas jogadoras.

Orgulho é, aliás, palavra sublinhada pelas futebolistas, seja por Tatiana Pinto ou Andreia Faria. Dolores Silva enuncia outro medidor para o êxito, referindo que a equipa “ganhou o respeito das outras seleções”.

Pedidos de investimento com o objetivo do Mundial na mira

Por todo o continente, o Euro tem sido um momento de afirmação do futebol feminino, com recordes de assistência nos estádios e nas televisões a serem batidos e nomes fortes do jogo a ganharem cada vez mais notoriedade e a reclamarem mais visibilidade e melhores condições. Na seleção, o adeus que expôs as fragilidades de um país que ainda tem uma liga principal escassa em profissionalismo foi usado por algumas protagonistas para pedir mais investimento, ainda que com reservas e suavidade no discurso.

Tatiana Pinto, uma das que, ao longo do Europeu, mais assertiva foi no discurso, fez um “apelo”, no final do desafio contra as suecas, para que Portugal “possa chegar a estas competições mais forte”: “É preciso continuar o caminho que tem sido feito. Provámos que merecemos mais investimento e atenção, que são necessários para continuar a evolução. Precisamos de aposta em mais equipas, há muitos clubes sem equipas femininas, e isso é o que está a faltar em Portugal para termos uma liga mais competitiva”, opinou a atleta do Levante, de Espanha.

Jéssica Silva juntou-se à sua companheira, avisando que “investir passa, primeiro, por acreditar”, sendo necessária essa crença no futebol feminino. Cauteloso, Francisco Neto sublinhou o “trajeto incrível de crescimento” que tem existido, avisando que “Portugal está a crescer, mas as outras equipas também”, não sendo só “uma questão de estalar os dedos e pronto”.

Ainda a noite não tinha caído em Leigh e já várias jogadoras apontavam para o próximo objetivo: a presença no Mundial de 2023, na Austrália e Nova Zelândia. Portugal nunca esteve na competição.

No grupo H da qualificação, a seleção está em terceiro a duas jornadas do fim, com menos dois pontos do que a Sérvia e menos cinco do que a Alemanha. Ganhar o grupo parece uma miragem, pelo que a meta é ficar no segundo lugar e tentar o apuramento via *play-off*. Para isso, Portugal tem de ir vencer à Sérvia, a 2 de setembro. Tatiana Pinto tem “a certeza” de que a equipa irá obter os três pontos. Não conseguir o apuramento seria falhar a terceira classificação para uma fase final seguida, depois do Mundial de 2019 e deste Europeu. P.B.